

## Lideranças femininas na História do Brasil: memórias, cultura material e as representações em museus históricos.

Jaqueline Apa. Martins Zarbato<sup>1</sup>

### Resumo

Este texto analisa as representações, objetos, memórias e narrativas sobre mulheres no Brasil, em espaços museais. Para tal utiliza-se os acervos de dois museus históricos no Brasil: Museu do Ipiranga (São Paulo), Museu Anita Garibaldi (Laguna/SC), investigando as representatividades femininas de mulheres líderes históricas (heroínas na História oficial) e as mulheres que fazem parte do acervo, mas não estão no Panteão de heróis e heroínas da Pátria. As concepções culturais e sociais que fundamentam 'leituras de mundo' ou de uma proposição de 'alfabetização cultural' e/ou podem ser problematizadas como processos do imaginário social, que fundamenta uma narrativa do passado. Metodologicamente analisa as coleções, exposições que são utilizadas no setor educativo dos museus. Pensar sobre as práticas educativas dos museus que versam sobre as narrativas, memórias, imagens, contextos e que encaminham para a formação da consciência histórica, pensando o museu histórico como parte do patrimônio. Em outras palavras, como aponta Isabel Barca (2003, p. 100), "o princípio de que a aprendizagem varia com o contexto concreto em que ocorre e que este pode favorecer ou inibir os resultados que se pretendem encontra-se amplamente corroborado. Atender aos sentimentos de pertença de cada um e contribuir para a partilha de memórias de um espaço, de um país, ou do mundo - eis um dos grandes desafios da Educação para o desenvolvimento e para a paz, nos nossos tempos".

Palavras-Chave: Mulheres, setor educativo de museu, aprendizagem histórica.

### 1. Introdução

"No teatro da memória, as mulheres são sombras tênues". (PERROT, 1989, p. 09). As dimensões analíticas deste artigo se fundamentam nas categorias mulheres, museus, representações culturais e cultura material, com diálogos da produção historiográfica e memorialística sobre algumas mulheres. As quais estão apresentadas em imagens pictóricas, em fotografias, documentos, objetos ( que evidenciam o espaço privado e público em que circularam, viviam e executavam atividades) nos museus históricos. Mas, em que medida os setores educativos dos museus apresentam as mulheres em sua perspectiva de liderança histórica?

Essa problematização encaminha a análise teórica e metodológica da pesquisa<sup>2</sup> sobre a presença e representações/representatividades de mulheres em três museus históricos ( Museu

<sup>1</sup> PPGEdU/UFMS/CPTL; História/UFSC; email: [jaqueline.zarbato@ufms.br](mailto:jaqueline.zarbato@ufms.br).

<sup>2</sup> Este artigo faz parte da pesquisa em andamento: A educação em museus e as representações femininas: em busca da igualdade de gênero, financiada pelo CNPq.

do Ipiranga/SP, Museu José Antônio Pereira/MS, Museu casa Anita Garibaldi/SC), e as maneiras de utilização nos setores educativos de museus. Assim, pontua-se na pesquisa discorrer e analisar os documentos e imagens e de que maneira contam suas trajetórias de liderança na história e, que são disponibilizados como elementos/fontes/diálogos nos setores educativos, e de que forma utilizam as representatividades das mulheres para ensinar sobre seus papéis na trajetória histórica.

Pensar sobre as práticas educativas dos museus que versam sobre as narrativas, memórias, imagens, contextos e que encaminham para a formação da consciência histórica, pensando o museu histórico como parte do patrimônio e promover as sensibilizações das pessoas, a partir do saber/fazer feminino. Em outras palavras, atender aos sentimentos de pertença de cada um e “contribuir para a partilha de memórias de um espaço, de um país, ou do mundo, eis um dos grandes desafios da Educação para o desenvolvimento e para a paz, nos nossos tempos”. (Barca, 2003, p. 100).

A fundamentação da educação em museus tem sua vinculação a partir dos seminários realizados pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) nos anos 1950 para discutir o papel educativo dos museus. E a partir desse documento, define-se as ações e à estrutura da educação que se faz nos museus, logo, o termo “pedagogia museal” passou a ser usado para definir um quadro teórico e metodológico a serviço da elaboração, da realização e da avaliação das atividades educativas no meio museal.

Para George Hein(1998), um dos autores a dialogar sobre a educação em museus, atrela a concepção histórica a um modelo de “museu construtivista”. Neste sentido, o autor destaca que os diversos estilos de aprendizagem dos públicos devem ser tidos em atenção pelos educadores de museu. É essencial saber como é que o meio social e cultural dos indivíduos influencia as suas experiências como visitantes. Interessa também dar a conhecer aos visitantes o processo de pensamento subjacente à exposição e envolvê-los neste processo de vários modos. Ou seja, pode envolver as possibilidades de igualdade de gênero, para que sejam ressignificadas algumas produções do setor educativo.

As mulheres que fizeram parte em períodos históricos como a independência do Brasil, as lutas pelo fim da escravização, por movimentos emancipatórios, em revoltas e revoluções, em movimentos educacionais, direta ou indiretamente, são restritas a alguns documentos que nem sempre são acessíveis às crianças e adolescentes em espaços escolares. O movimento de representar e apresentar as trajetórias de mulheres como líderes históricas impulsiona outras

possibilidades de apreensão da contribuição feminina ao longo da história do Brasil, não como coadjuvante/esposa/companheira de homens, mas sim com suas posições políticas, ideológicas, culturais, ou seja, promover esse debate em espaços de memória como os museus, faz com que sejam possíveis outras e talvez novas fontes sobre o fazer feminino.

Os artefatos, objetos, visualidades, vestimentas, adornos, símbolos femininos são analisados como “*o resultado de certas formas específicas e historicamente determináveis de organização em sociedade (e este nível de realidade está em grande parte presente, como informação, na própria materialidade do artefato.*” (Meneses, 1983, p. 112/113). Deste modo, este trabalho se propõe a enfrentar um dos desafios da educação museal: fomentar a partir de aulas oficinas, os materiais dispostos sobre as mulheres históricas.

### **Lideranças femininas na História do Brasil**

As abordagens teóricas acerca da perspectiva relacionada a liderança feminina em espaços que concentram informações históricas como museus, é corrente a projeção de ‘rainhas, princesas, esposas de homens ilustres’. E esses elementos tem se redimensionado ao longo do tempo no Brasil, principalmente com a inclusão da museologia de gênero e das relações de gênero, que imputam outras perspectivas para museus e espaços de memória, fundamentando as análises a partir da contribuição histórica, política e cultural de mulheres tanto na vida privada quanto na vida pública.

Fraga (2018), defende que liderança é a habilidade de um indivíduo para influenciar, motivar, promover o empenho dos outros favorecendo o sucesso das organizações e é de fundamental importância, uma vez que são os líderes os responsáveis por gerir os principais recursos, as pessoas, levando a equipa motivada e, conseqüentemente, à realização das suas funções com êxito, simbolizando um forte diferencial competitivo em virtude do poder de estimular as pessoas a ter um melhor desempenho dentro de ambiente cheio de desafios, riscos e incertezas. Leme (2020) afirma que identificou que a liderança feminina está mais associada a estilos mais democrático e são frequentemente associadas a organizações empresariais de sucesso. A liderança democrática significa que, a posição do líder será de monitorar com atenção, as tarefas e as metas, contando sempre com a colaboração de seus subordinados (LOPES e LEITE, 2018; MERCHANT, 2012)

## Mulheres em museus.

E em relação as narrativas sobre as mulheres, que se constituem nas práticas educativas dos museus, foram analisados os cadernos educativos, encartes educativos, card digitais, entre outros, os quais são utilizados pelos educadores dos museus para apresentar ao público escolar. Na primeira parte da análise, utilizou-se as explicações e organização do setor educativo de cada museu e, a partir destes, desenvolve-se a abordagem sobre a produção e representação das mulheres nos materiais educativos.

Percebe-se que os materiais didáticos se compõem no Museu do Ipiranga/São Paulo/SP<sup>3</sup> possuem acervo documental, imagético, mapas, estátuas, exposições permanentes e esporádicas, a própria edificação histórica como parte das suas ações.

Martha Marandino (2004, p.34) alerta que a aprendizagem em museus se dá quando “o conhecimento é estranho, até mesmo nosso corpo reage e pode tornar difícil o processo de aprendizagem. Isso pode ser aplicado aos museus.” Quando se está em um grupo e se quer aprender alguma coisa difícil, essa dificuldade nos põe em contato com outras pessoas dentro do grupo. Por exemplo, quando a opinião do outro é diferente da minha pode haver uma troca de ideias que me desafia a aprender.

O Museu do Ipiranga é a sede do Museu Paulista, que é um museu especializado em história e cultural material e integra a Universidade de São Paulo. No edifício em que hoje estão instaladas as exposições e espaços para atividades educativas e culturais foi projetado para ser um monumento em comemoração à Proclamação da Independência, ocorrida em 1822. O edifício foi construído entre 1885 e 1890. Em 1895, o recém-criado Museu do Estado foi transferido para o monumento. (Museu Ipiranga, 2022)

Foto 1: Museu do Ipiranga



<sup>3</sup> A pesquisa se desenvolve nesses dois museus, com diálogos, parceria entre a pesquisadora e a equipe dos setores educativos.

Fonte: <https://museudoipiranga.org.br>

Segundo o documento de apresentação do setor educativo, “desde sua abertura ao público, ainda no século XIX, o Museu do Ipiranga estabeleceu uma relação muito próxima com a educação formal”. (Museu do Ipiranga, 2022). Por se tratar do espaço em que foram desenvolvidas as análises focalizamos na ação educativa com a seleção de alguns materiais educativos, os quais pontualmente abordam o saber/fazer feminino. Como museu universitário, o Museu Paulista estabeleceu sua missão, “já no século 21: promover a educação em todos os níveis e desenvolver atividades de extensão e cultura tendo como referência o patrimônio material que coleta e conserva, por meio da produção de conhecimento científico sobre a formação histórica da sociedade brasileira”. (Museu do Ipiranga, 2022)

Na apresentação da parte educativa do museu, destacam que a “a ação Educativa do Museu do Ipiranga está organizada em três eixos que abrangem visitas, formações e outras propostas relacionadas aos diferentes perfis de público da instituição” (Museu do Ipiranga, 2022).

Mesmo tendo um amplo programa de propostas educativas, investigou-se alguns dos materiais didáticos que versam, apresentam, discutem e analisam o saber/fazer de mulheres. Compreendendo que esses materiais se constituem em fontes históricas que podem contribuir com a formação de crianças e jovens, uma vez que as propostas educativas foram, “pensadas especialmente para este público: professores e alunos de diversas faixas etárias e etapas de escolarização (Ed. Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio, Educação de Jovens e Adultos e Ensino Superior)”. (Museu do Ipiranga, 2022).

Percebe-se que o material foi projetado visando o atendimento de professores/as que visitam o museu com estudantes de várias idades. E de certa forma, ao ter esse material o/a professor/a inicia sua sensibilização no museu, entrelaçando seus conhecimentos com o que é apresentado no setor educativo. O setor educativo do museu, tem a proposta de trabalho com os/as professores/as, em que o “objetivo é ampliar canais de diálogo entre o Museu e profissionais de educação de escolas públicas ou privadas, contribuindo para o desenvolvimento de diferentes propostas pedagógicas e fomentando a apropriação das discussões propostas pela instituição a partir de obras de seu acervo”. ((Museu do Ipiranga, 2022). Ainda na apresentação dos materiais didáticos, há a apresentação de que as:

publicações que aqui são apresentadas têm como objetivo cumprir a missão do Museu Paulista, de divulgação do conhecimento(...) em especial, a importância institucional dada à área de educação pelo Museu Paulista que, historicamente, mantém uma grande proximidade com o público escolar – professores e estudantes. Assim, ressalta-se a dedicação dada à produção do

material didático de apoio para professores da rede de ensino básico (fundamental e médio), sobre os assuntos tratados nas exposições de longa duração.

Dessa forma, compreendeu-se que os materiais didáticos tem sua fundamentação teórica e metodológica com bases nos bens culturais que estão nas exposições de longa duração, o que permite a visita de forma integrada, utilizando os recursos dos materiais didáticos, o conhecimento de educadores/as do museu, e dos bens culturais citados nos materiais didáticos. E nesse sentido, nossa investigação se detalhou com mais aprofundamento, ressaltando os bem culturais, imagens, documentos sobre as mulheres na História, principalmente do Brasil

Os materiais didáticos estão divididos em: Por onde começar?, Para Entender o Museu, Uma História do Brasil, Passados Imaginados, Territórios em Disputa, Mundos do Trabalho, Casas e Coisas, A Cidade Vista de Cima, Ciclo Curatorial. E forma produzidos pela equipe de profissionais do setor educativo, coordenados por Isabela Ribeiro de Arruda, Denise Cristina Carminatti Peixoto, Vanessa Costa Ribeiro. A concepção do material foi de Laíza Santana Oliveira e Sofia Gonzalez e a pesquisa e produção de textos por Letícia Suárez e Victor Sofia Gonzalez<sup>4</sup>. A imagem abaixo apresenta os materiais didáticos ( digitais e físicos), os quais possuem em torno de 18 à 20 páginas, tendo uma linguagem dedicada aos/as professores/as.

Foto 1: livretos didáticos.



Fonte: MI, Livreto Por onde começar,2022, p. 12)

Logo, nesse material foi destacado o texto e imagem de Maria Leopoldina e de Maria Quitéria de Jesus.

Foto 2: (capa, excerto do livreto)

<sup>4</sup> Não há, nos documentos menção a formação dos membros da equipe.



Fonte: MI, livreto Uma História do Brasil, 2022, p. 15)

No texto acima intitulado ‘o salão nobre em 1922’, discorre sobre o espaço do salão nobre, atestando que “Afonso Taunay encomendou pinturas para a decoração do Salão Nobre. Todas as imagens ali presentes deveriam convergir para a Independência”.( MI, livreto Uma História do Brasil, 2022, p. 15). Em relação às mulheres o texto discorre sobre os dois retratos femininos, os quais dispostos um em frente ao outro por Afonso Taunay<sup>5</sup>. Para tal, apresenta as seguintes informações:

Que diferenças podemos estabelecer entre as duas mulheres? Que papel desempenharam no processo de independência? Ambas foram produzidas pelo artista Domenico Failutti, sob encomenda de Taunay. Aos homens couberam múltiplos papéis na narrativa da exposição, já às mulheres foram designados apenas dois. Maria Quitéria fugiu de casa, cortou os cabelos e se infiltrou, fingindo ser homem, nas tropas que combatiam a presença portuguesa na Bahia entre 1822 e 1823. Repare nos planos ao fundo da pintura: a Bahia está representada pela paisagem do Recôncavo da Baía de Todos os Santos. A tela apresenta a personagem vestida com trajes militares, com destaque para o saiote adicionado ao uniforme. A representação de Quitéria foi inspirada num desenho do século 19, em que ela não aparece **em meio às batalhas** de que fez parte. Mas sua atuação é lembrada como indicativo de que a Independência teria sido aspiração universal, a ponto de uma mulher abandonar seus “**atributos femininos**” para se engajar na luta pela emancipação. Já Dona Leopoldina foi representada junto às suas filhas e de seu filho, Pedro de Alcântara, futuro dom Pedro II, ainda bebê. Isso significa que não foi dado destaque à participação política da imperatriz no processo de Independência, reduzindo sua contribuição à sua condição de mãe do segundo imperador. Sua presença no Salão Nobre funciona como um ponto de tranquilidade no contexto de transformação que a Independência representa, em contraponto à **belicosidade** de Maria Quitéria. ( MI, livreto Uma História do Brasil, 2022, p. 15. Grifos da autora)

<sup>5</sup> Afonso Taunay foi diretor do Museu do Ipiranga por 28 anos, entre 1917 e 1945, de forma que sua atuação à frente da instituição tem reverberações até os dias atuais.

Percebe-se a preocupação da equipe em narrar sobre Maria Leopoldina e Maria Quitéria de Jesus, dialogando sobre as representações de ambas no processo de independência do Brasil. Como o livreto apresenta, ainda que de maneira resumida, a incorporação dos quadros das duas mulheres na exposição, problematizando a inclusão dos quadros com essas mulheres, inclusive um de frente ao outro. Abordar a História das mulheres e a contribuição de seu saber cultural contribui para refletir sobre a representatividade e as experiências desse saber, que remetem a diferentes formas de ser e estar na sociedade.

O Museu Casa Anita Garibaldi. O museu consiste numa casa típica colonial luso brasileira construída por volta de 1711, com objetos e elementos que remontam a representatividade de Anita Garibaldi no contexto da Revolução Farroupilha. Há alguns projetos educativos que envolvem os materiais disponíveis no museu, tanto presencial quanto online.

Mateo Pérez (2016), destaca as funções e características da casa histórica e do museu-casa, dialogando que:

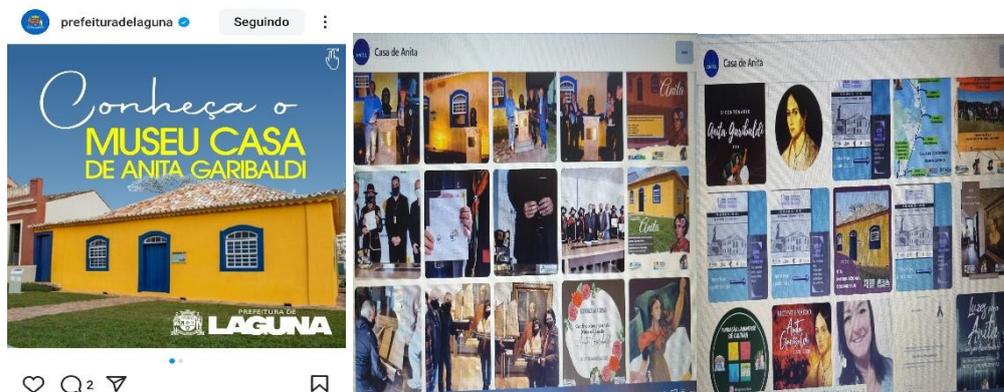
las casas museo en realidad suelen ser casas históricas y singulares. Es más, ese es su origen, puesto que son inmuebles que contienen espacios domésticos históricos. (...) por ello las casas históricas y singulares son susceptibles de ser casas museo (pero todas las casas museo no son casas históricas y singulares). (Pérez, 2016, pp. 47/48)<sup>6</sup>

O museu possui na mídia Facebook, alguns elementos sobre a historicidade visitação e educação no museu. Na página <https://www.facebook.com/museucasadeanita>, há a apresentação de discursos sobre o passado-presente do museu e da importância de Anita Garibaldi. Na imagem temos a apresentação do museu, bem como do público que frequenta e registra a história e memória do museu.

---

<sup>6</sup> Tradução: Os museus-casa são geralmente casas históricas e singulares. Além disso, essa é a sua origem, uma vez que são imóveis que contêm espaços domésticos históricos. Todos os museus-casa não preservam os interiores históricos, mas uma grande parte das casas históricas e singulares preservaram seus interiores históricos, especialmente aquelas que não são para visitas públicas. Por essa razão, as casas históricas e singulares são suscetíveis de ser museus-casa (mas nem todos os museus-casa são casas históricas e singulares)

Foto 3: imagens do Museu Casa Anita Garibaldi- instagram da Prefeitura de Laguna/SC.



Já o museu José Antônio Pereira/MS é um museu casa, localizado na cidade de Campo Grande, no Mato Grosso do Sul, definido, tem seu nome relacionado ao dito fundador da cidade, José Antônio Pereira. Em relação aos usos digitais, o museu possui uma página em mídia digital, em que são publicizadas as atividades educativas, as visitas públicas e as atividades culturais. A casa foi a residência de Antônio Luiz, filho do fundador de Campo Grande. Mas é importante ressaltar que a imagem de Anna Luiza, esposa de José Antônio Pereira, só aparece na escultura em frente ao museu. Entretanto, os objetos da casa e seus cômodos tem em sua maioria, artefatos femininos. Definindo alguns elementos do fazer feminino, ainda permanecendo em âmbito doméstico, mesmo que Anita Garibaldi tenha sua trajetória nas lutas pelo Brasil e fora dele, ainda assim, as narrativas tratam, em algumas memórias, de sua 'casa'.

Foto 4: imagens de Anita Garibaldi/2024- Museu Anita Garibaldi



São diferentes olhares que podem ser projetados, no sentido de problematizar o campo da ação enquanto liderança histórica, de Anita Garibaldi. O espaço em que há o Museu Casa Anita Garibaldi, pode definir um espaço-lugar da fundamentação da mulher, lagunense, que ficou conhecida como heroína de dois mundos.

Ainda que o Museu Casa Anita Garibaldi não tenha um setor educativo, recebe visitas de público escolar e de certa forma, a narrativa fica sob a responsabilidade das pessoas responsáveis pelas visitas ao museu. Neste sentido, as pessoas tem uma orientação acerca dos objetos, das imagens e documentos disponíveis na exposição permanente.

Projetar a problematização de sua trajetória, para além dos muros da casa, para além do espaço doméstico é encontrar com a Anita Garibaldi, retratada em livros, artigos de jornais, romances como a ‘esposa de Giuseppe Garibaldi’. E, a intenção dessa pesquisa se dá na contramão desse paradigma, Anita Garibaldi por ela mesma, por ser uma mulher que navegou pelo sul do Brasil, num tempo histórico em que poucas mulheres o faziam. De uma liderança que organizava as tropas de soldados na Revolução Farroupilha, que acampava com seus filhos em meio as batalhas campais.

Essas diferenças no tratamento, tanto da trajetória de Anita Garibaldi quanto das fontes que narram suas lutas, possibilita que mulheres de outros tempos históricos, sejam reconhecidas por suas atuações políticas, sociais e culturais, não sendo estigmatizadas e nem idealizadas. E assim ensinar sobre as mulheres no Brasil em suas particularidades, com suas identidades e identificações, num processo de ensino que agregue os anseios sociais do século XXI, questionar as formas instituídas de pensar os sujeitos e suas identidades. (Edgar Morin,2011).

Influenciando na formação patrimonial, na garantia da memória e na construção da identidade regional, é um museu que tenta superar a conotação de “depósito de tesouros” aproximando o seu acervo museológico aos seus usuários. E isso é feito a partir dos sites e mídias digitais dos museus, em que as propostas são de aproximação da sociedade com os museus.

O museu José Antônio Pereira está sediado na antiga sede da Fazenda Bálsamo, hoje perímetro urbano da cidade de Campo Grande/MS. Há tanto na casa em si, quanto nos objetos da exposição permanente equipamentos que eram utilizados na fazenda, como enxadas, charretes assim como objetos domésticos como panelas, cerâmicas. Os quartos tem sua estrutura organizada para representar o modelo disposto no século XIX.

Foto 5: objetos do Museu José Antônio Pereira/2024



Foto 5: Museu José Antônio Pereira/MS. (<https://www.facebook.com/museujap>)



Esse museu também não possui um setor educativo<sup>7</sup>, sendo a pessoa que guia os grupos escolares a mesma responsável pela visita no museu.

Compreender o que expõem dos museus no ciberespaço, contribuir para compreender esse “novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores” (Lévy, 1999, p. 17), e que envolve a análise de sua produção, consumo e disseminação. Mas, é importante atentar para que tipo de ‘engajamento’ esses espaços virtuais agregam aos museus. Uma vez que as plataformas “não somente percebem nossos gostos e preferências. E os algoritmos são base fundamental para esses processos de codificação e decodificação, gerando um detalhamento ainda mais preciso deste usuário”. (Oliveira & Araújo, 2020, p.170).

Compreender as criações, adequações, com variadas formas de uso e de presentificação dos museus na internet faz parte do que se pretende, pois como apresenta Schweibenz, há quatro categorias de museus ‘virtuais’:

<sup>7</sup> A pesquisa tem como projeção a construção de materiais didáticos que serão disponibilizados para a construção do setor educativo do museu.

O museu folheto/brochura: site que contém informações básicas sobre o museu, tais como tipos de coleções, contatos, etc. O museu de conteúdo: é um site que apresenta as coleções do museu e convida o visitante virtual a explorá-las online. O museu de aprendizagem: é um website que fornece diferentes pontos de acesso aos seus visitantes virtuais, de acordo com a idade, 'background' e conhecimento. O museu virtual: a etapa seguinte ao museu de aprendizagem é não só oferecer informações sobre as coleções da instituição, mas também disponibilizar links para outras coleções digitais. (SCHWEIBENZ, 2004, p. 3).

A partir da abordagem sobre a aprendizagem digital possibilita aprofundar a análise sobre os usos do passado, bem como os recursos digitais mobilizados para valorizar as ações femininas, em proposições de emancipação feminina, como lideranças político cultural e que, releguem aos diversos públicos visitantes (on line e presencial) olhares de valorização do saber-fazer feminino.

Compreendendo que os museus históricos podem se inscrever como propulsores da emancipação ou igualdade de gênero, Rechená (2011, p. 13) destaca que:

[...] os museus estabelecem sistemas de categorização de parcelas da realidade (os bens culturais/objetos) contribuindo para a apreensão do mundo (como construtores de saberes) permitindo às pessoas orientar-se e relacionar-se com o patrimônio cultural preservado.

Ana Cristina A. Oliveira, em seu estudo sobre as abordagens de gênero nos museus, aponta que as coleções são poderosas instâncias de legitimação de poderes, discursos e identidades e precisam ser analisados e estudados, também, a partir do conceito de gênero e patriarcado. (Oliveira, 2018, p. 244) Para a autora, a museologia brasileira precisa ser compreendida, através, do enlaçamento com os estudos de gênero e patriarcado. Essa pode ser a principal chave interpretativa, para questionarmos o que consideramos ser a naturalização da presença e dos papéis exercidos por nós mulheres em nosso campo de conhecimento.

O entendimento sobre a função do museu modifica-se, de espaço das de memória a espaço de problematização e diálogos sobre o passado-presente, ou como “um lugar para o sagrado, para o intangível, para o intocável, relacionado à percepção de tempo cronológico e essencialmente ligado à preservação”. (Scheiner, 2009, p. 46)

Oliveira e Candau (2010, p.32), reiteram que, “a garantia do igual direito às histórias e culturas que compõem a nação brasileira, (...) devem conduzir à reeducação das relações étnico-raciais por meio da valorização da história e da cultura dos afro brasileiras e dos africanas. Essa demanda, destinada aos sistemas de ensino, escolas e professores, responde às reivindicações de políticas de ações afirmativas, reparações, reconhecimento e valorização de histórias, culturas e identidades dos movimentos sociais negros. Busca combater o racismo a partir do

reconhecimento estatal e propõe a divulgação e a produção de conhecimentos que eduquem cidadãos orgulhosos de seu pertencimento étnico com direitos garantidos e identidades valorizadas.

E seguindo essa perspectiva de representatividade, em que ampliar os espaços de publicização de alguns elementos femininos partem, para além de uma visibilidade a partir dos objetos. Ou seja, a representatividade se inscreve num campo de reflexão da ação social, fundamentação nas ações culturais das mulheres. Lançar o olhar para o processo de emancipação feminina, contribui para a ampliação do conjunto de mulheres excluídas nos processos de decisões, nas dimensões do que contribuem na sociedade. Para Michele Perrot (1990, p. 21), “escrever história exige ter fontes, sejam documentais ou não, mas até isso dificulta quando se trata da história das mulheres, sua presença é frequentemente apagada, seus vestígios desfeitos e, seus arquivos destruídos. Há um déficit, uma falta de vestígios”.

Pode-se dizer que a problematização do museu e mulheres enquanto um patrimônio cultural, remete a uma investigação que apresenta as contribuições femininas e as diferentes possibilidades de análise a partir dos ‘olhares’ em torno da edificação, coleções, peças, das mulheres artistas, das esculturas, das exposições, das artes, do trabalho, da culinária. No caso de exposições, pode-se dizer que são potencializadoras da imersão histórica no museu. E que podem constituir-se como campo de análise a partir de uma linguagem histórica que relaciona o tempo passado-presente. Ou como expõe Jean-Pierre Rioux, de que:

[...] o presente é objeto da história? Avançando um pouco a reflexão, percebe-se que essa dúvida remete a uma inquietação propriamente filosófica: o presente tem sua chance diante de uma longa duração que parece ser—toda a obra de um Fernand Braudel foi construída em cima desse “parece” —a verdadeira modulação e a respiração vital do devir humano? (Rioux, 1999, p. 40)

Nesse processo, a linguagem que pode ser decodificada em coleções, exposições dos museus se expressa na articulação entre lugar, objeto e tempo, e fundamenta leituras e concepções sobre cada objeto, sobre sua dimensão patrimonial, ampliando a função do museu enquanto espaço-tempo.

## Referências

AMARAL, Deborah dos Reis. Licenças maternidade e paternidade e a (des) igualdade de gênero no direito do trabalho brasileiro. 2020.

BESEN, F.; TECCHIO, E.; FIALHO, F. A. P. Authentic leadership and knowledg management. *Gestão & Produção*, v. 24, n. 1, p. 2–14, 23 fev. 2017.

CARNEIRO, Sueli. Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto / Angela Arruda... [et al.]; organização Heloisa Buarque de Hollanda. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. 400 p.

DAIBERT, Robert. A religião dos Bantos: Novas leituras sobre o calundu no Brasil colonial. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 28, n. 55, p. 7-25, jan./jun., 2015.

DANTAS, Fernanda Argolo. Dilma Rousseff: uma mulher fora do lugar. As narrativas da mídia sobre a primeira Presidenta do Brasil. 2019.

DE OLIVEIRA, Filipa Neiva Santos. Comunicação das Organizações: Um olhar sobre a importância da Comunicação Interna. *Media & Jornalismo*, v. 18, n. 33, p. 61-74, 2018.

DORNELES, Éverton L. M.; SALVAGNI, J.; NODARI, C. H. A liderança como diferencial nas organizações: um estudo sobre a percepção dos gestores. *HOLOS*, [S. l.], v. 8, p. 172–190, 2017. DOI: 10.15628/holos.2017.4151. Disponível em: <https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/4151>. Acesso em: 20 ago. 2022.

DUARTE, Giovana; SPINELLI, Letícia Machado. Mulheres No Mundo Do Trabalho: dupla jornada, desigualdade salarial e assédio. VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade. Universidade Federal do Rio Grande, 2018.

FIRMINO, D. DE B.; MOREIRA, A. P. C. Liderança feminina: [dspace.doctum.edu.br](http://dspace.doctum.edu.br), 10 dez. 2018. FRAGA, T. M. R. O impacto da liderança na performance organizacional. [comum.rcaap.pt](http://comum.rcaap.pt), 2018.

GOMES, Nilma Lino. Cultura negra e educação. *Rev. Bras. Educ.* [online]. 2003, n.23, pp.62-74.

\_\_\_\_\_. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. Educação e Pesquisa. São Paulo, v.29, n.1, p.167-182. Jan./jun.2003.

\_\_\_\_\_. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: SANTOS, Sales a. (Orgs.). Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03. Brasília: MEC/SECAD, 2005, p. 39-62.

GONZALEZ, Lélia. Cultura, etnicidade e trabalho: efeitos linguísticos e políticos da exploração da mulher (mimeo, Annual Meeting of the Latin American Studies Association, Pittsburgh, 5-7 de abril, 1979).

GONZALES, Lélia. Mulher Negra. African-American Political Caucus - Morgan State University. Baltimore. 1984.

LIMA, M. S. Cooperativismo: uma experiência feminina na arte de produzir conquistas. RevistaEstudosFeministas, Florianópolis, v.20, n.1, p.209-232, abr.2012

NASCIMENTO, M. A. do. Gestão feminina: a liderança feminina nas organizações brasileiras. Ideias e Inovação - Lato Sensu, [S. l.], v. 4, n. 2, p. 57, 2018. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/ideiaseinovacao/article/view/5608>.

PEREIRA, D. A. C.; SILVA, K. C. Q. DA; PRAZERES, F. S. DOS. Gestão com mulheres na liderança. ric.cps.sp.gov.br.

SAFFIOTI, Heleieth. Gênero, Patriarcado e Violência. Editora Fundação Perseu Abramo. SP, Jan/2011.

STREY, Marlene Neves. GÊNERO. In: STREY, Marlene Neves et al. Psicologia social contemporânea: livro-texto. Vozes, Petrópolis, RJ, p. 156-170, 2013